



**20 ANOS**

**CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS  
DO CONCELHO DE OEIRAS**

(CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS)

**9 DE DEZEMBRO DE 2008**

**PALÁCIO ANJOS, ALGÉS - CENTRO DE ARTE MANUEL DE BRITO**

O protocolo hoje assinado entre a Câmara Municipal de Oeiras e o Museu Nacional de Arqueologia, instituições representadas, respectivamente pelos Senhores Presidente, Dr. Isaltino Afonso Morais, e Director, Dr. Luís Raposo, estabelece as condições do depósito de espólios arqueológicos recolhidos no concelho de Oeiras entre as décadas de 1970 e de 1990 pelo Arq. Gustavo Marques, actualmente conservados naquele Museu.

Com a entrada em vigor deste documento, fica o Município de Oeiras enriquecido com um conjunto muito significativo e diversificado de testemunhos pré-históricos e proto-históricos do concelho de Oeiras, desde o Paleolítico Inferior à Idade do Ferro, recolhidos em locais e estações arueológicas na maioria dos casos já desaparecidas, o que lhes confere acrescida mais-valia, no âmbito do conhecimento arqueologia local.

Depositados no Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras Serviço da Câmara Municipal de Oeiras cujos vinte anos de existência agora se comemoram, ir-se-ão juntar ao valioso acervo ali reunido, em resultado de investigações próprias, conduzidas por técnicos daquele Serviço, a par de diversas doações de particulares e de entidades oficiais.

O presente Protocolo visa dar utilidade a um acervo que, juntando-se ao já existente, viabilizará, entre outros, os seguintes objectivos principais:

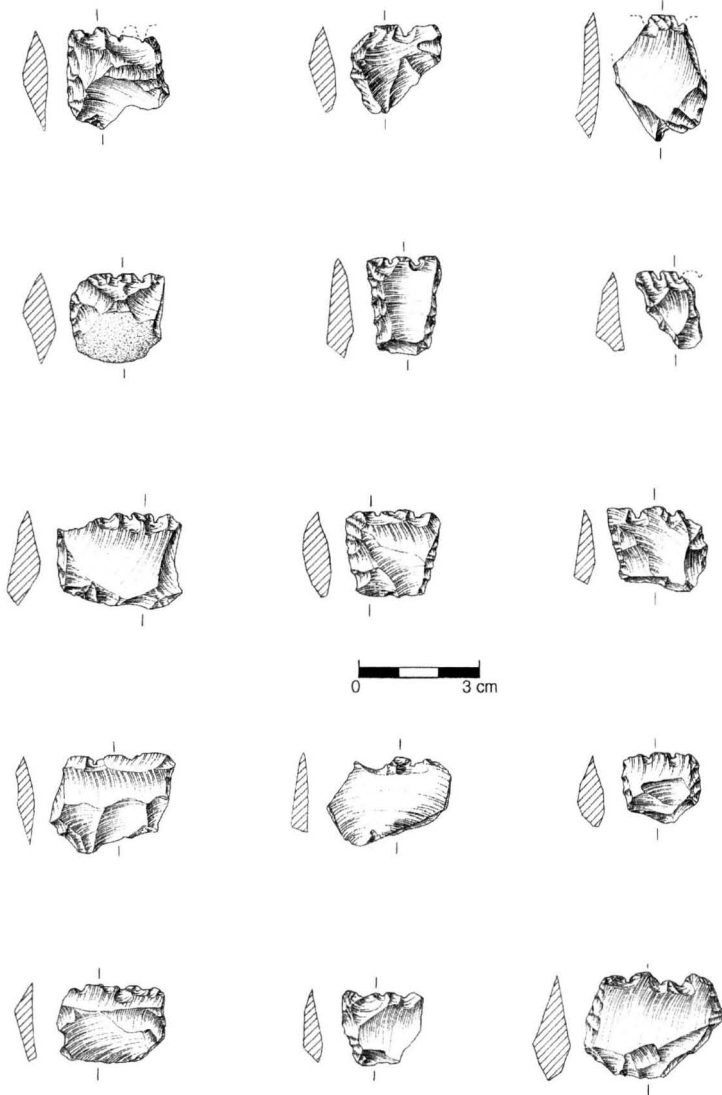
- realização de exposições temporárias e permanentes;
- realização de estudos e investigações arqueológicas;
- acções de divulgação cultural por todos os meios que se considerem adequados;
- realização de outros eventos e actividades relacionadas com a divulgação e exposição destes espólios arqueológicos.

---

### **Alguns espólios mais significativos abrangidos pelo presente Protocolo**

Os espólios arqueológicos objecto do presente Protocolo encontram-se totalmente inéditos, avultando os recolhidos em duas estações arqueológicas até agora desconhecidas, cujo estudo, actualmente em curso, conduzirá a novas informações sobre a ocupação humana do território oeirense. Trata-se da estação da Idade do Bronze de Abrunheiro e da estação da Idade do Ferro de Gamelas 3, situando-se ambas nas proximidades do actual Parque dos Poetas.

A estação de Abrunheiro reporta-se a período situável entre cerca de 1300 e 1100 anos a.C., correspondente à primeira fase do Bronze Final. A intensa produção cerealífera então ali praticada, encontra-se documentada, por um lado, pelos grandes recipientes cerâmicos feitos ao torno lento (“vasos de provisões”), a par de numerosos elementos sobre lascas de sílex, denticulados ao longo de um dos bordos, utilizados como elementos de foices com encabamento em haste de madeira (Fig. 1). Tal situação tem, aliás, antecedentes no Bronze Final da região: com efeito, a estação do Alto das Cabeças, que ocupava, como a do Abrunheiro, uma suave encosta de solos basálticos perto de Porto Salvo, forneceu também centenas de elementos de foice, que indicam a importância da produção de trigo na economia destas populações, a qual ultrapassaria as necessidades locais dos respectivos habitantes.



**Fig.1 Elementos de foice denticulados,**  
sobre lascas de sílex, da estação de Abrunheiro, Oeiras. Bronze Final.  
Desenhos de Filipe Martins.

A estação de Gamelas 3 possui características idênticas às da anterior: implantando-se em vasto espaço de relevos suaves e solos basálticos, na zona actualmente ocupada pelo “Parque dos Poetas” (Fig. 2). Corresponde, tal como a estação arqueológica anterior, a uma ocupação circunscrita, de carácter familiar, fortemente vocacionada para a actividade agrícola, incluindo-se, como aquela, nos chamados “casais agrícolas” do Bronze Final e da Idade do Ferro dos arredores de Lisboa.



**Fig. 2 Vista do local da estação da Idade do Ferro de Gamelas 3,** obtida em 1989, actualmente dentro do Parque dos Poetas. Foto G. Marques.

A cronologia desta ocupação centra-se no século V a.C., época em que já não ocorriam as importações orientalizantes, de origem fenícia, comuns nas estações mais antigas da Idade do Ferro da região de Lisboa; agora, são características certas produções de cerâmicas feitas ao torno rápido, como os pratos (Fig. 3), as taças (Fig. 4) e os jarros (Fig. 5), de cerâmica cinzenta fina, a par de potes de cerâmica vermelha comum, com decorações incisas (Fig. 6) cujos melhores paralelos se encontram nas vizinhas estações de Outurela I e Outurela II (Oeiras) e na estação dos Moinhos da Atalaia (Amadora). Ocorrem também recipientes feitos ao torno lento, de tradição do Bronze Final, utilizados para o armazenamento (Fig. 7).





**Fig. 3 Par de pratos de cerâmica cinzenta fina,** feitos ao torno, de Gamelas 3. Idade do Ferro. Restauro de Margarida Santos. Foto de Carlos Santos.



**Fig. 4 Taça em calote,** com fundo plano, de cerâmica fina, de Gamelas 3. Idade do Ferro. Restauro de Margarida Santos. Foto de Carlos Santos.



**Fig. 5 Par de jarros,** de cerâmica cinzenta fina, de Gamelas 3. Idade do Ferro. Restauro de Margarida Santos. Foto de Carlos Santos.



**Fig. 6 Potes de cerâmica comum,** com decorações incisadas no bojo, de Gamelas 3. Idade do Ferro. Restauro de Margarida Santos. Foto de Carlos Santos.



**Fig. 7 Dois grandes vasos de armazenamento,** montados à mão (torno lento), de Gamelas 3. Idade do Ferro. Restauro de Margarida Santos. Foto de Carlos Santos.

Assim, pode concluir-se que o modo de exploração agro-pastoril do Bronze Final, representado pela estação do Abrunheiro, se prolongou, sem alterações de maior, no decurso da Idade do Ferro, como se verifica em Gamelas 3.

A ocorrência deste tipo de estações, de pequenas dimensões, vocacionadas para a exploração agrícola extensiva e intensiva, evidencia a alta aptidão dos terrenos da região, especialmente para a produção cerealífera, designadamente do trigo. Esta realidade permaneceu ao longo dos tempos, até à quase actualidade. Com efeito, os solos basálticos que se desenvolvem em torno de Lisboa, de Loures a Cascais, possuem elevados índices de produtividade, e a sua importância agrícola só nos tempos mais recentes diminuiu, em resultado da expansão urbana e de outros factores sócio-económicos.

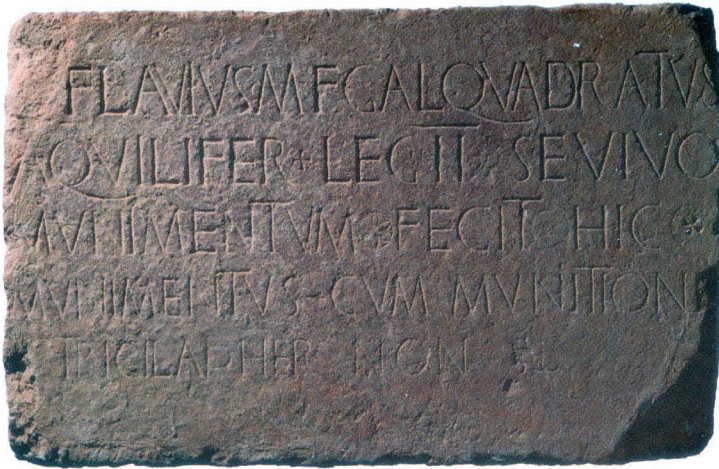
As pequenas dimensões destes sítios da Idade do Ferro, face às elevadas produções cerealíferas neles registadas, leva à conclusão que estas se não destinariam exclusivamente ao consumo local, integrando-se antes numa rede económica trans-regional, que permitia o abastecimento do principal centro urbano da época existente na região, então em período de crescente afirmação, correspondente à futura cidade de Lisboa. É, pois, lícito, admitir a existência de uma economia trans-regional desde pelo menos o Bronze Final, aliás claramente evidenciada pelo comércio de matérias-primas, como bem evidencia o molde para fundição de foices de bronze encontrado em Casal de Rocanes, Cacém, o qual pressupõe a disponibilidade de cobre e de estanho, metais desconhecidos nesta região.

---

### **Um ex-libris arqueológico oeirense: a epígrafe romana de Flávio Quadrado, porta estandarte da Segunda Legião**

O Período Romano corresponde à manutenção da importância da economia agro-pastoril na região, embora a natureza das produções se possa ter alterado, bem como, naturalmente, os respectivos produtores e destinatários, num quadro sócio-económico muito diverso do vigente anteriormente. A recente exploração da villa romana de Leião, dirigida pelo signatário, no âmbito das atribuições e competências do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, foi importante para conhecer a realidade económica dos inícios do Império.

É neste quadro que se integra uma das mais notáveis inscrições romanas conhecidas em território português, pertencente ao Museu Nacional de



**Fig.8 Lápide funerária**  
do *aquilifer Flavius Quadratus*, recolhida em Laveiras-Caxias.  
Foto de Carlos Santos.

Arqueologia, expressamente apresentada no âmbito deste evento: trata-se da lápide funerária do *aquilifer Flavius Quadratus*, cidadão olisiponense inscrito na tribo Galéria, a qual datará de um período que vai desde o reinado de Augusto ao imperialato de Calígula (século I d.C.).

Com efeito, esta inscrição romana, a par de outras do concelho de Oeiras, como a estela de calcário lioz de evidentes influências itálicas, da sepultura de *Maria Bouvtia*, oriunda de Cacilhas, e de um cipo funerário recolhido em Laveiras por Félix Alves Pereira e cuja paleografia aponta também para o século I d.C., indicam a presença precoce de cidadãos de origem local, mas já então completamente aculturados aos usos e costumes romanos.

Por deferência do Dr. Luís Raposo, Director do Museu Nacional de Arqueologia, a lápide de *Flavius Qvadratvs* pôde ser devidamente apreciada no âmbito da realização deste evento.

O monumento foi pela primeira vez registado em 1733 pelo antiquário António José da Cunha, tendo-o observado no ângulo de uma casa, passando a Cartuxa (de Caxias) e registado na sua *Lithologia Lusitana*, manuscrito conservado na Real Academia de la História, de Madrid. Trata-se de um bloco de calcário de origem local quase intacto, com as dimensões de 73 cm de



altura, 118 mm de largura e 57 cm de espessura, ostentando uma das faces maiores a inscrição. Naquele local se manteria, quase miraculosamente, até 1963, correspondendo ao prédio que então tinha o número 22 da Rua da Quintinha, à Estrada de Laveiras, em Caxias (Fig. 8).

A peça voltou a ser mencionada no século XIX, pelo grande epigrafista alemão Emilio Hübner, que, sem a observar directamente, a descreveu sob o número 266 do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, publicado em Berlim, a par de outras do concelho de Oeiras.

O precioso documento parecia perdido, até que, em 1917, o arqueólogo Félix Alves Pereira, numa das muitas prospecções que realizou na região, o voltou a encontrar, por indicação de um pedreiro de Laveiras. Na publicação que lhe dedica em 1933, declara:

“A informação era exacta e magnífica! Embebida na base da parede exterior de uma casa, lá estava a lápide romana e a queda do reboco, que durante longos anos a tinha ocultado, e que havia dado lugar ao seu aparecimento.”

Reconheceu-se, então, que a extracção da pedra poria em risco a segurança do prédio, pelo que, na altura se efectuou apenas um decalque em papel.

A cuidada interpretação paleográfica feita por Félix Alves Pereira, conduziu à seguinte tradução:

“(…) Flávio Quadrato, filho de Marco (Flávio) da (tribo) Galéria, aquilífero de legião segunda, construiu para si próprio em vida o monumento (ou sepulcro). Este monumento, com as vedações do caramanchão, não passa aos herdeiros.”

Como se verifica, falta a primeira letra da inscrição, que, iniciando o texto, abreviava o praenomen do sepultado.

O estranho e raro epitáfio ali permaneceu por mais uns anos: em 1960, Fernando Bandeira Ferreira voltou a estudá-lo. A leitura que apresentou da epígrafe difere pouco da de Félix Alves Pereira, o mesmo se verificando com a última interpretação da mesma, da autoria de José d'Encarnação, embora as sucessivas tentativas evidenciem bem a dificuldade de fixar, com rigor, uma leitura definitiva. A transcrição do texto latino, aberto em elegantes caracteres do tipo actuário, apresentada pelo último, é a seguinte:

[...] FLAVIVS · M(arci) · F(ilius) · GAL(eria tribu) · QVADRATVS / AQVILIFER · LEG(ionis) · II (secundae) · SE VIVO / MVNIMENTVM · FECIT HIC MVNIMENTVS [sic] · CVM · MVNITIONI(bus) / [ET] TRICILA [sic] · HER(redem) NON SE[quetur],

A que corresponde a seguinte tradução: (...) Flávio Quadrado, filho de Marco, da tribo Galéria, aquilífero da II Legião, em vida fez o monumento. Este monumento com munições e caramanchão não passam ao herdeiro.

José d'Encarnação esclarece ainda que *munitiones* é termo que se adapta bem à vida militar do porta-estandarte legionário, significando "os muros de defesa" do monumento, enquanto *trichila* corresponderia ao caramanchão onde aquele se situava.

Entre finais do século I a.C. e antes de atingido os meados do século seguinte, Flávio Quadrado, viajou pela longínqua Germânia e/ou na Bretanha, acompanhando a Segunda Legião – que viria a receber a designação de "Augusta" – com o importante posto de porta-estandarte da águia legionária. Natural desta região, a ela quis voltar, e nela foi sepultado, depois de ter pelejado, certamente com galhardia, "em perigos e guerras esforçado"; nos confins do Império, servindo o poder de Roma, tão expressivamente representado pelo estandarte da águia, que orgulhosamente transportava.

Descansou, enfim, à sombra do fresco caramanchão que madara construir em vida para si próprio, que a isso permitia o pecúlio amealhado e os direitos moralmente adquiridos.

Em 1962, um jornal de Lisboa, o "Diário Ilustrado", na sua edição de 18 de Julho, chamou de novo a atenção para o monumento, alertando para o risco de este se perder, aliás na sequência da notícia publicada na edição de Junho de 1962 do jornal de Caxias "A Cartuxa", da autoria de José Maria de Almeida. O alerta surtiu efeito, pois, conforme é noticiado pelo diário "Novidades", de 12 de Agosto de 1963, a lápide não só fora, entretanto, arrolada pelo Estado, ao abrigo do Art.º 2º do Decreto nº. 38 906, de 10 de Setembro de 1952, como também dera entrada no Museu Nacional de Arqueologia, assegurando-se assim a sua definitiva salvaguarda.

É, pois, esse extraordinário documento, o único que até hoje atesta explicitamente a existência de um aquilifer em solo peninsular, que, por circunstâncias favoráveis, foi preservado, que hoje temos a rara oportunidade de apreciar, de novo em solo oeirense, em singela homenagem a este soldado de há dois mil anos, comemorando também os vinte anos da existência do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

**João Luís Cardoso**

Prof. Cat. de Arqueologia da Universidade Aberta

Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras / C.M.O.

## BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

### **Sobre a ocupação da Idade do Bronze e da Idade do Ferro do concelho de Oeiras**

- CARDOSO, J.L. (1987) – No estuário do Tejo, do Paleolítico à Idade do Ferro. In *Arqueologia no vale do Tejo*. Lisboa. Instituto Português do Património Cultural, p. 69-81.
- CARDOSO, J. L. (1990) – A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. Encontro de Estudos “Presenças orientalizantes em Portugal. I – Da Pré-História ao Período Romano” (Lisboa, 1987). Estudos Orientais. Lisboa, 1, p. 119-134.
- CARDOSO, J.L. (1993) – Estratégias de ocupação do espaço na área do Concelho de Oeiras, do Paleolítico ao Período Romano: um ensaio. I Encontro de História Local do Concelho de Oeiras (Oeiras, 1991). Actas. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 17-24.
- CARDOSO, J.L. (1994) – Viagem ao Passado. In *Retratos de Oeiras*. Oeiras. Publicações DSA, p. 160-170.
- CARDOSO, J.L. (1994) – Comentário ao sítio arqueológico de Outurela (Oeiras). In *Lisboa Subterrânea* (coord. A. M. Arruda). Catálogo da Exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa. Capital Europeia da Cultura/94). Lisboa. Instituto Português de Museus, p. 206.
- CARDOSO, J. L. (1995) – O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conímbriga*. Coimbra, 34, p. 33-74.
- CARDOSO, J.L. (1995) – Os povoados do Bronze Final a norte do estuário do Tejo. In *A Idade do Bronze em Portugal*. Discursos de Poder (coord. S. Oliveira Jorge). Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa. Instituto Português de Museus, p. 126.
- CARDOSO, J.L. (1995) – Para o conhecimento da agricultura no concelho de Oeiras: do Neolítico ao Período Romano. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 5, p. 87-96.
- CARDOSO, J.L. (1996) – O povoamento no Bronze Final e na Idade do Ferro na região de Lisboa. In *De Ulisses a Viriato, o primeiro milénio a. C.* (coord. Jorge de Alarcão). Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1996). Lisboa, Instituto Português de Museus, p. 73-81.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998) – O final da Idade do Ferro no concelho de Oeiras: um contributo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 7:189-217.
- CARDOSO, J.L. (1998) – Do Paleolítico à Idade do Ferro no concelho de Oeiras: percursos da presença humana. 1º Ciclo de Estudos Oeirenses (Oeiras, 1996/1997). Actas. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 31-71.
- CARDOSO, J.L. (1999/2000) – Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 8, p. 355-413.
- CARDOSO, J.L. (2000) – Sítios, pedras e homens. Trinta anos de Arqueologia no concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 9, 191 p. (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 9).
- CARDOSO, J.L. (2001) – Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da Folha 34-C (Cascais). *Arqueologia Pré-Histórica*. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro, p. 75-84.
- CARDOSO, J.L. (2003) – Oeiras, o Tejo e o Mar: uma relação ancestral (da Pré-História ao Período Romano). V Encontro de História Local (Oeiras, 2001). Oeiras: o Tejo e a Expansão. Actas. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 27-37.
- CARDOSO, J. L. (2004) – A Baixa Estremadura, dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 332 p. (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 12).
- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1996) – O povoado do Bronze Final do Alto das Cabeças (Leião, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, p. 351-359.
- CARDOSO, J.L. & CARREIRA, J.R. (1993) – Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. I Congresso Mediterrânico de Etnologia Histórica (Lisboa, 1991). Actas. Mediterrâneo. Lisboa, 2, p. 193-206. De col. com J.R. Carreira.
- CARDOSO, J.L. & CARREIRA, J.R. (1996) – Materiais cerâmicos da Idade do Bronze da gruta da Ponte da Lage (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, p. 341-450.

### **Sobre a inscrição do Aquilifer Flavius Quadratus**

- CARDOSO, J.L. (2000) – Sítios, pedras e homens. Trinta anos de Arqueologia no concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 9, 191 p. (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 9).
- CARDOSO, G. & CARDOSO, J. L. (2005) – A ocupação agrária do concelho de Oeiras na época romana. VI Encontro de História Local do concelho de Oeiras (Oeiras, 2003). Actas: Câmara Municipal de Oeiras, p. 41-55.
- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1993) – Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 4, 126 p.
- ENCARNACÃO, J. d' (2000/2001) – Uma interessante inscrição romana de Laveiras (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 10, p. 405-413.
- FERREIRA, F.B. (1960) – *Varia epigraphica: VII* – a inscrição do aquilifer Flavius Quadratus. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. Lisboa. Série III, 4, p. 111-117.
- HÜBNER, E. (1869) – *Corpus Inscriptionum Latinarum*, 2 (inscrição nº. 266). Berlin.
- LE ROUX, P. (1982) – *L'Armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion de 409*. Paris.
- PEREIRA, F. A. (1933) – Duas lápides suburbanas de Olisípo. *Arquivo Histórico de Portugal*. Lisboa, 1 (3), p. 106-117.